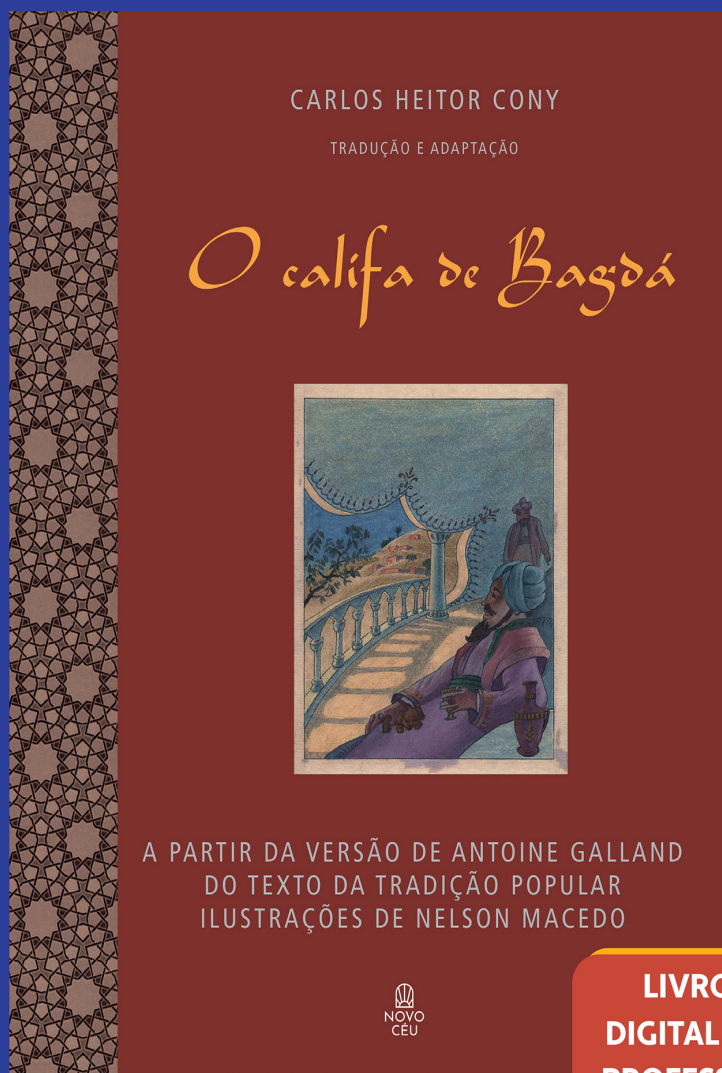


Material de Apoio Destinado ao Professor



**LIVRO
DIGITAL DO
PROFESSOR**

Responsável pelo Material: Lucas Matos

Sumário

Créditos

Sobre o responsável pelo Material

1. Carta ao professor

Sobre o responsável pela versão

Sobre o tradutor e adaptador

Sobre o ilustrador

A adequação da obra à categoria e aos temas

2. Contextualização da obra

Sinopse

Aspectos sociais, culturais, temporais e geográficos da produção da obra

A recepção da obra

A natureza artística da obra

3. A importância da leitura literária na escola

4. Propostas de atividades em sala de aula

Atividade pré-leitura

Atividade durante a leitura

Atividade pós-leitura

Atividade interdisciplinar

Referências comentadas

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Novo Céu LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Novo Céu LTDA.
Rua Candelária, 60, GRP 701 a 714
Centro – Rio de Janeiro/RJ – CEP: 20091-020

Direção editorial: Daniele Cajueiro
Editoras responsáveis: Luana Luz e Mariana Elia
Consultoria pedagógica: Sílvia Leão
Produção editorial: Adriana Torres e Macondo Casa Editorial
Copidesque: Sol Mendonça
Revisão: Anna Carla Ferreira
Projeto gráfico e geração de HTML: Ranna Studio

Material Digital de Apoio ao Professor que acompanha o Livro do Professor da obra *O califa de Bagdá*, 1ª edição.
Lucas Matos.
Rio de Janeiro: Novo Céu, 2022.

| SOBRE O RESPONSÁVEL PELO MATERIAL

LUCAS MATOS nasceu em 1985, no Rio de Janeiro. É Bacharel e Licenciado em Letras: Português-Literaturas pela Uerj, mestre em Literatura Brasileira e doutor em Literatura Comparada pela mesma universidade. Trabalha como professor efetivo de língua e literatura do quadro de docentes do CAp-UERJ. Atua na pesquisa sobre poesia contemporânea e na criação artística como ator e escritor, já tendo publicado três livros, dois de poemas e um de contos.

TÍTULO: O califa de Bagdá

VERSÃO: Antoine Galland

TRADUTOR E ADAPTADOR: Carlos Heitor Cony

ILUSTRADOR: Nelson Macedo

TEMAS: Aventura, mistério e fantasia; O mundo natural e social

GÊNERO LITERÁRIO: Conto, crônica, novela, teatro, texto da tradição popular

CATEGORIA: 6º e 7º anos



1 | CARTA AO PROFESSOR

O universo em torno das histórias que compõem o conjunto de narrativas recolhidas sob o título das *Mil e uma noites*, ou mais especificamente, do *Livro das mil e uma noites*, é quase tão fascinante quanto as próprias peripécias contadas por Sheherazade.

De fato, a confluência de um conjunto de fatores — como a tradição dos narradores noturnos, o interesse da cultura árabe pelas fábulas encontradas nas culturas indianas e persas, a produção de manuscritos com indicações para leitura em voz alta a partir das fixações do Corão, a ação de Antoine Galland ao descobrir um dos manuscritos do livro e querer vertê-lo para as línguas e códigos da literatura francesa do século XVIII — produziu uma história de idas e vindas, registros apócrifos e interpolações, sucesso de público e influência literária, que só pode causar espanto e maravilhamento.

Trazer um pedaço desse universo para a sala da aula é, em parte, se dispor a mergulhar no rio dessa transmissão, que, de conto a conto, vai construindo um imaginário rico e diversificado pelo mundo afora.

De fato, narrativas tradicionais, passadas culturalmente adiante por gerações e gerações, dão a impressão de carregar consigo não apenas saberes que remontam ao acúmulo de várias vidas humanas, mas a própria forma dessas vidas. Por isso, elas se apresentam muitas vezes como guias, como orientações de como podemos viver de melhor modo. Como se, mais que com histórias, estivéssemos lidando com mapas da vida para passarmos por transformações súbitas, traumas, relações que se findam, dentre outras situações que compõem nosso mundo.

Afinal, essas narrativas trazem o registro da experiência produzido a partir de diferentes culturas em uma codificação que pode se apresentar como orientação mental, moral e psíquica. Voltar-se para tais histórias não apenas aprofunda nossa compreensão da vida como estimula uma perspectiva multicultural, assim nos fazendo perceber e produzir novas trocas culturais de modo ressignificado.

O que estamos procurando destacar é que, se toda experiência de leitura comporta um processo de abertura a diferentes camadas de sentido, a leitura das

experiências narrativas tradicionais parece trazer os sedimentos do acúmulo de tradições ancestrais, assemelhando-se aos modos de vida de diferentes culturas em sua forma de habitar o mundo.

É inevitável que as tradições orais e eruditas que se entrecruzam nos diversos traçados das *Mil e uma noites* nos maravilhem com seus diferentes caminhos, sua forma de aventuras, mistério e fantasia, seu registro do que marca a experiência humana em distintas culturas.

SOBRE O RESPONSÁVEL PELA VERSÃO: ANTOINE GALLAND E SUAS VERSÕES DIVERSAS, REVERSAS, CONTROVERSAS

O califa de Bagdá apresenta, em tradução e adaptação de Carlos Heitor Cony, um conjunto de histórias retiradas do *Livro das mil e uma noites*, tendo como fator comum a linha das tramas fictícias baseadas no personagem histórico Harun al-Rashid. Conforme Jarouche (2015) atesta, os primeiros registros de um livro com nome próximo e estrutura semelhante ao que conhecemos hoje como *Livro das mil e uma noites* se encontram em menções de outros manuscritos datados do século IX d.C.

Todavia, num desses textos, está citado apenas o título, e no outro, além do título, retêm-se a sugestão de uma história inicial (ou prólogo-moldura) parecida — com pequenos deslocamentos como a personagem de mesmo nome da irmã de Sheherazade figurando como sua aia — e a ideia de uma compilação de fábulas. Não há nenhuma evidência definitiva de que, desde essa época, já circulasse pelo mundo árabe o livro que hoje conhecemos.

De acordo com o autor, a forma mais antiga deste livro foi elaborada durante o período do Estado Mameluco, que corresponde ao momento de domínio turco e depois circassiano num reino que abrangia o Egito, o Levante e Hebraz, durante os séculos XIII-XVI. Tal elaboração envolveu a fusão de diferentes gêneros acumulados pela tradição árabe e o que ela assimilou de persas e indianos, nos legando duas versões, ou, mais reconhecidamente, dois ramos: o sírio e o egípcio.

As diferenças entre os ramos são significativas: desde o número de noites à sequência das histórias, dentre outras. O que estabelece a identidade do *Livro das mil e uma noites* é o enredo do prólogo-moldura, que nos apresenta a ideia de uma mesma narradora feminina que conta histórias noturnas como estratégia para se manter viva, além dos gêneros, da tradição das narrativas coligidas e do título.

Muito já se debateu, inclusive, sobre este nome, uma vez que o ramo sírio, de manuscritos de datação mais antiga, não apresenta literalmente este número de noites. Há os que advogam que era apenas uma fórmula hiperbólica, ou mnemônica, e os que por vezes defenderam que sempre houve a intenção de completar o número de noites, uma vez que os manuscritos do ramo sírio que nos chegam se interrompem num mesmo ponto de modo inexplicável, inconcluso.

Jarouche (2015) polemiza, entretanto, com os que alegam que lidamos com compilação de textos originários de uma tradição oral. De acordo com seu ponto de vista, mais provavelmente, o contrário se operou, com as narrativas coligidas numa

tradição erudita de escribas, passando a integrar o repertório oral dos contadores posteriormente.

Werneck (2017), por outro lado, rastreia as marcas de oralidade dos textos narrados no livro, demonstrando as técnicas mnemônicas e as fórmulas típicas da performance da poesia e da narrativa orais. É absolutamente impossível, de qualquer modo, estabelecer qualquer noção de autoria individual para o livro, uma vez que ele se funda em tradições coletivas e apresenta as marcas superpostas de alterações, interposições, acréscimos e reelaborações ao longo de sua transmissão.

É assim que a chegada dessa tradição às sociedades e às línguas conhecidas como ocidentais, a partir das versões de **Antoine Galland**, deve ser entendida como mais um ponto numa linha transmissória de muitas flutuações e versões múltiplas, diversas. Damien (2017) aponta como, entre os séculos XV e XVII, grande parte das regiões de língua árabe tinha sido incorporada ao império otomano, que, por sua vez, veio a estreitar laços e trocas culturais e econômicas com países da Europa Ocidental, como a França, no contexto do reinado de Luís XIV.

Nesse contexto, Galland, vindo de uma família pobre, órfão de pai aos quatro anos, encontra nos estudos do colégio de Noyon, custeados pelo diretor e por um cônego da catedral, uma possibilidade de adentrar a vida da sociedade de corte. Em 1670, ele se torna secretário do conde de Nointel, acompanhando-o quando este se torna embaixador em Constantinopla. Logo, se verá orientalista, especialista em línguas como persa, árabe, dentre outras, e numismata, isto é, especialista em medalhas, moedas e suas formas de cunhagem.

Damien (2017) faz questão de situar o interesse de Galland pelas diversas histórias da tradição árabe e persa, as quais ele verte para o francês na cena literária do período. Ou seja, a autora defende que as condições para que o orientalista se interessasse, traduzisse e publicasse as primeiras edições ocidentais do *Livro das mil e uma noites* foram dadas pela conhecida Querela dos Antigos e Modernos.

Se pudermos apresentá-la em termos muito gerais e resumidos, digamos que se tratava de uma disputa — que se reencenaria diversas vezes ao longo do curso da literatura de língua francesa — entre os que pleiteavam a necessidade de se ater aos modelos de composição literária clássicos e ao imaginário mítico e cultural da mitologia greco-romana; e os que defendiam a adoção de formas populares francesas e o uso do imaginário proveniente do repertório de fábulas transmitidas oralmente pelo campesinato do país.

Um dos marcos deste enfrentamento foi a publicação de Charles Perrault, em 1697, do livro *Histórias ou contos do tempo passado, com moralidades: contos da mamãe gansa*. Como o próprio título deixa evidente, a concepção de literatura presente é a daquela que tem um duplo compromisso: deleitar e instruir. Na visão de Perrault, as fábulas francesas, do ponto de vista moral, não eram apenas equivalentes às ficções homéricas e outras formas da Antiguidade tidas como exemplares. Eram, de fato, superiores, uma vez que não estariam preenchidas por uma moral que, ao fim e ao cabo, era pagã.

É em tal contexto de efervescência dos salões franceses em torno das fábulas nacionais que a autora situa o trabalho de Galland, com suas primeiras traduções de fábulas indianas e sua versão da história de Simbad. Ainda segundo ela: “Galland, como um orientalista, observou, na primeira nota introdutória à sua tradução das *Mil*

e uma noites que os contos árabes eram um excelente meio de informação e conhecimento” (DAMIEN, 2017, p. 44).

Efetivamente, em 1704, começa-se a publicação em 12 tomos da versão de Galland para o *Livro das mil e uma noites*, que só será concluída em 1717, dois anos após sua morte. Como Damien faz questão de enfatizar, para enquadrar os textos nos moldes literários dos contos com moralidades populares à época, Galland vai fazer várias alterações nos textos:

supressão das citações poéticas, dos trechos de prosa rimada, de elementos considerados ofensivos ou inabordáveis do ponto de vista da moral cristã. A autora chega a citar o registro de correspondência pessoal em que o orientalista cita essa decisão: “O original está em árabe, e eu digo vertido para o francês porque não é precisamente uma versão atrelada ao texto, o que não agradaria aos leitores” (GALLAND, *apud* DAMIEN, 2017, p. 45).

Para além dessas transformações, Damien (2017) destaca que, na versão canônica que se consolidou como sendo de Galland, há também interpolações imprevistas. Em 1709, na publicação do oitavo tomo, o editor julgou insuficiente o material enviado pelo orientalista, acrescentando, sem consulta prévia, dois contos traduzidos por Pétis de La Croix. Posteriormente, Galland tentaria consertar o problema e anunciaria o expurgo das histórias do contexto das *Mil e uma noites*, entretanto, isso nunca foi realizado. Não se sabe o quanto tal situação colaborou com os desdobramentos da publicação dos volumes subsequentes.

Galland havia esgotado os materiais dos manuscritos de que dispunha, mas ainda esperava alguma conclusão com o número de noites chegando à marca condizente à do título. Nesse momento, ele conhece a figura do maronita alepino Hanna Dyab, uma fonte viva de histórias árabes. Não há certeza acerca do quanto, com relação a todas as narrativas de Hanna, Galland teria atuado apenas como um tradutor do texto escrito ou do quanto ele teria elaborado o que ouviu por transmissão oral.

O fato é que, por meio dessa fonte, o orientalista francês conseguiu produzir seus demais tomos — do nono em diante — acrescentando aos *corpora* dos manuscritos sírio e egípcio algumas das narrativas que mais se vincularam ao imaginário do *Livro das mil e uma noites*, como a de Alladin e a de Ali Babá e os quarenta ladrões. Com relação a tais histórias, não se encontra registro delas em nenhum manuscrito anterior das *Mil e uma noites*. Se elas, de fato, fizeram parte de uma tradição oral, ancorada em manuscritos perdidos, ou da tradição oral que teria dado origem aos manuscritos, é debate pouco solucionável do ponto de vista acadêmico.

A história das histórias do *Livro das mil e uma noites* é, portanto, uma história de acréscimos, subversões, interpolações, em que, no processo de recepção, diferentes leitores já sugeriram acrescentar novas e velhas narrativas para atingir um número, entendido de modo literal ou ideal.

Assim, consolidou-se uma transmissão em que sempre parece possível recortar, recolher e acrescentar novas perspectivas. O *Livro das mil e uma noites*, recebido de

tal maneira, mostra-se o mais receptivo possível, nos conectando a uma tradição de contar histórias que remete aos caravaneiros, onde as caravanas se encontravam e efetuavam trocas comerciais, intermediadas por momentos de lazer e trocas simbólicas. Ao ler **O califa de Bagdá**, talvez o maior desafio seja perguntar: como é possível instaurar essa instância em que narramos e somos narrados por uma tessitura que nos constitui por dentro, mas ao mesmo tempo é fruto da nossa fabulação?

SOBRE O TRADUTOR E ADAPTADOR

Carlos Heitor Cony nasceu no Rio de Janeiro em 1926. Estreou na literatura ganhando por duas vezes consecutivas o Prêmio Manuel Antônio de Almeida, com os romances *A verdade de cada dia* e *Tijolo de segurança*. Considerado um dos maiores expoentes do romance neorrealista brasileiro, Cony também se dedicou com sucesso a outros gêneros: da crônica aos ensaios, das adaptações de clássicos aos contos.

Trabalhou na imprensa desde 1952, quando entrou no *Jornal do Brasil*. Mais tarde foi para o *Correio da Manhã*, do qual foi redator, cronista e editor. Era colunista da *Folha de S.Paulo* e comentarista da rádio CBN quando faleceu, no início de 2018.

Ganhou, em quatro ocasiões, o Prêmio Jabuti na categoria Romance, duas vezes o Prêmio Livro do Ano da Câmara Brasileira do Livro e o Prêmio Nacional Nestlé de Literatura. Em 1998, foi condecorado pelo governo francês com a L'Ordre des Arts et des Lettres. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em março de 2000. *Paixão segundo Mateus*, romance póstumo inédito, chegou ao público pela Nova Fronteira em 2022.

SOBRE O ILUSTRADOR

Nelson Macedo é professor da UFRJ, com mestrado em Ciência da Arte pela UFF. Ele tem desenvolvido ao longo de sua carreira de pintor, teórico e ilustrador uma teoria acerca da perspectiva específica da arte sobre a teoria das formas e sobre a formação da imagem. De fato, ele, que é associado ao Ateliê Oruniyá, na Tijuca, parece apontar, ao longo de suas ilustrações do livro, para modelos de composição artística que vão recolocar os elementos da narrativa a partir da construção formal, da oposição de um conjunto de elementos que sugerem algo para a visão e a imaginação do leitor.

A ADEQUAÇÃO DA OBRA À CATEGORIA E AOS TEMAS

Uma das **Competências Específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental** é compreendida da seguinte maneira:





5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas (BRASIL, 2018, p. 65).

O trabalho do desenvolvimento do senso estético é, sobretudo, um trabalho de construção de uma atenção sensível — seja pensando em termos dos sentidos, seja em termos de sensibilidade. No caso das criações estéticas verbais, a escolha das palavras, seu som e forma visual, a construção do enredo, os personagens tematizados, dentre outros, são elementos que devemos treinar para observar, percebendo mudanças em como são apresentados, como aparecem em diferentes objetos.

No terreno dos textos cuja temática se encontra entre o **mistério e a fantasia**, notamos os livros que mais facilmente parecem capturar a atenção infantil nessa transição que marca estudantes do 6º e 7º anos. Nessa elaboração da matéria narrada em que a aventura se confunde com a própria forma de conceber os projetos de vida — os próprios e os alheios —, o trabalho com textos como ***O califa de Bagdá*** se destaca uma vez que nele encontramos: uma obra que combina tradições culturais diversas, constituindo patrimônio cultural indiscutível; e a possibilidade de exposição a outras culturas, numa mediação entre a semelhança e a diferença que ajuda a articular o modo de perceber e viver identidade e alteridade sociais e pessoais.

Nesse caso, não apenas a própria leitura aciona os Temas Contemporâneos Transversais reconhecidos pelo documento *Temas Contemporâneos Transversais na BNCC — Contexto histórico e pressupostos pedagógicos* (2019), como **Diversidade Cultural** (na macroárea Multiculturalismo) e **Vida Familiar e Social** (na macroárea Cidadania e Civismo) mas, também, há um ponto de vista privilegiado no sentido de consolidar o trabalho realizado nos Anos Iniciais e mediar o amadurecimento pessoal e sociocultural dos estudantes no início da adolescência, de acordo, assim, com o tema **Mundo natural e social**.



2 | CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA

SINOPSE

O califa de Bagdá nos apresenta histórias fictícias de personagens históricos: Harun Al-Rashid e seu vizir, Djafar. Assim como se supõe que, de fato, acontecesse, os dois se vestem como mercadores para sair pelas ruas de Bagdá e observar a cidade a partir de outro ponto de vista. Em tal situação, eles se deparam com três acontecimentos inusitados: um cego que pede, além da esmola, a punição de um tabefe; um homem que maltrata uma égua na praça; e a casa de um cordoeiro que viveu um processo de grande enriquecimento.

Diante de tais surpresas, a atitude do califa é sempre a mesma — é preciso saber mais, é preciso conhecer a narrativa dessas pessoas, porque, nas suas histórias, aquilo que nos parece estranho, espantoso e inusitado pode ganhar razão de ser.

Não à toa, no desenvolvimento de reflexões sobre a caracterização do califa como personagem principal, que nos aparece como figura exemplar, uma das ênfases deve recair sobre sua capacidade de ter empatia. Diante de figuras que ele desconhece e que chamam sua atenção pela irrazoabilidade de seu comportamento ou pelo traço incomum de suas trajetórias de vida, Harun Al-Rashid não reage apenas com espanto, medo e discriminação. Pelo contrário, ele deseja saber sobre os outros, reconhece que cada um tem seus motivos e o direito a contar suas histórias para demonstrar como suas vidas chegaram naquele ponto específico.

Dentro de tal perspectiva, a própria atitude inicial dos personagens de saírem pelas ruas da cidade vestidos como mercadores implica o reconhecimento de que o poder e seu exercício muitas vezes dificultam o conhecimento da realidade cultural popular. Nesse sentido, a simples troca de vestimentas é, na verdade, um jogo de identidades em que os governantes, ao assumir os hábitos de um personagem comum, igual a todos, assumem novo modo de olhar e se relacionar com o mundo e podem ver o que não veriam do palácio, do posto de califa e vizir.

Podemos afirmar, então, que, como narrativa da tradição popular, o texto se desdobra em algumas relações metalinguísticas, comentando, ainda que

indiretamente, a relação entre as trocas sociais e as histórias. Ao mostrar um governante justo que quer conhecer seu povo, porém, mais do que isso, quer conhecer suas histórias, a narrativa de cada um, a obra sugere que ouvir e contar são dois atos que nos permitem nos reconhecer como humanos, semelhantes e diferentes.

ASPECTOS SOCIAIS, CULTURAIS, TEMPORAIS E GEOGRÁFICOS DA PRODUÇÃO DA OBRA

Como Palazzo (2017) nos informa, o período do califado abássida deixa profundas marcas na cultura árabe, legando formas e elementos de difusão de saberes diversos para além da mera crônica histórica. A autora nos ensina que a origem do califado remonta à sucessão de Maomé e é sempre uma articulação de uma liderança simultaneamente religiosa, política e militar para comandar a comunidade dos fiéis. Nesse contexto, é importante reconhecer que os abássidas, dinastia que destronou o califado omíada, são os descendentes de Abas ibne Abedal Mutalibe, o tio mais jovem de Maomé.

O que distingue o período do seu califado, além da transferência da capital para Bagdá, é o interesse em tornar a cidade um polo de desenvolvimento cultural no império islâmico. A criação e o desenvolvimento da *Casa da Sabedoria*, a realização de traduções de textos de diversas origens e culturas para o árabe — do grego ao persa, incluindo a assimilação de outras fontes e tradições, como a indiana —, a promoção de embaixadas de trocas culturais, como as que Al-Rashid envia ao império de Carlos Magno, são elementos do caldo de cultura que vai dar as condições para os torneios narrativos do *Livro das mil e uma noites*.

Como Jarouche destaca, entretanto, o período da composição do *Livro das mil e uma noites* é justamente o da decadência de tal estado. De acordo com o autor:

Composto entre a segunda metade do século VIII H./ XIII d.C. e a primeira do século VIII H./ XIV d.C., o *Livro das mil e uma noites* é contemporâneo de acontecimentos que os historiadores julgam devastadores para o mundo árabe e islâmico, autênticas “lições para quem reflete”, conforme uma tópica célebre em narrativas moralizantes da época: as invasões mongólicas, que culminaram, em 656 H./ 1258 d.C., na destruição de Bagdá e na extinção do califado Abássida (JAROUCHE, 2015, p. 25).

Em semelhante contexto, a transformação de Al-Rashid em personagem de narrativas fantasiosas é, simultaneamente, um luto pelo mundo que se desfaz e um esforço por lembrar um líder considerado exemplar. Esse duplo papel — de mediar uma perda e de fazer a manutenção da memória — parece sugerir um certo modo de lidar com a narrativa característico do livro que enfatiza os temas espantosos que causam maravilhamento. Ou seja, contamos as histórias que nos tiram do espaço comum e cotidiano, que, de algum modo, envolvem a perda de um certo lugar estável, ao nos lançar num mundo de incertezas em que se nota uma lógica diferente daquela

que nos assegura a permanência de estado dos seres e das coisas. Contamos, ainda, as histórias que nos lembram de exemplos de atitudes de como elaborar essas experiências de modo pessoal e comunitário.

Essa dupla condição da narrativa se encontra nas histórias de *O califa de Bagdá* e também no prólogo-moldura do *Livro das mil e uma noites*, quando um chefe de Estado, diante das evidências das incertezas do mundo, em especial no que tange ao comportamento feminino e às possibilidades inumeráveis de traição, decide mandar matar as mulheres que desposa logo após a primeira noite. A figura de Sheherazade surge, aqui, não apenas como uma narradora de importância destacada, mas como a depositária de saberes acumulados pela cultura, a mulher que consegue condensar em histórias todos os processos vitais tais como percebidos por esses povos.

As narrativas que se dão em troca da vida são justamente aquelas que nos lembram de como lidar com a perda, sim, mas também como sobreviver e como levar a vida além do ponto em que sua dissolução parece inevitável. Não é à toa que, para o mundo árabe e para o mundo islâmico, afora os textos religiosos, o *Livro das mil e uma noites* ganhará um destaque especial, representando a vastidão de um imaginário e de uma vida cultural e psíquica profunda.

A RECEPÇÃO DA OBRA

Logo no início de suas considerações acerca do *Livro das mil e uma noites*, Jarouche comenta algumas das imagens que a crítica consolidou ao longo da recepção da obra:

Tal é o caso de uma obstinada crença de diversos críticos de literatura: a de que o *Livro das mil e uma noites* seria um conjunto pouco mais ou menos fabuloso de fábulas fabulosamente arranjadas. Isto é, um livro elaborado por centenas de mãos, em dezenas de idiomas, em muitíssimos tempos e lugares, que pode ser produção de todos e por isso mesmo de ninguém, projetado no limbo da indeterminação absoluta que permite dizer qualquer coisa sobre ele, e pensado como um processo de constituição que de tão inesgotável se tornou uma espécie de função, tudo isso entremeado por uma “oralidade” meio analfabeta mas (ou por isso mesmo) muito sábia que excita e deslumbra (JAROUCHE, 2015, p. 11).

O esforço do autor será, então, o de desconstruir tais imagens a partir de um acompanhamento pormenorizado das materialidades dos manuscritos e da historicidade das práticas de escrita que vão nos legar a obra. Por um lado, cumpre reconhecer com ele que, de fato, certas cristalizações da recepção do *Livro das mil e uma noites* se ancoram em preconceitos sobre o que é a oralidade, o que é a tradição do gênero das fábulas entendidas a partir de certo orientalismo, o que é a autoria a partir de conceitos modernos inaplicáveis à produção dos séculos XIII e XIV d.C.

Por outro, é impossível não deixar de assinalar que, efetivamente, tal história de recepção envolve a compreensão de um livro que, talvez singularmente, passou por reformulações, reelaborações, reescrituras diversas, de modo que sua própria

matéria soasse moldável e passível de aceitar as colaborações, mais ou menos anônimas, de muitas mãos.

Nesse sentido, a história da recepção das *Mil e uma noites*, por vezes, se confunde com a história de sua elaboração, uma vez que em momentos cruciais o texto lido e traduzido, ou lido e copiado, acaba sendo refeito, reconstruído. Ou seja, não é totalmente desmotivado que essa história em específico, em alguns momentos, apareça para nós como uma espécie de história das histórias, como a metonímia dos diversos gestos de narrar.

Dentro de tal perspectiva, o apelo que o *Livro das mil e uma noites* tem exercido sobre públicos leitores tão diversos ao redor do mundo está menos relacionado a qualquer elemento de exotismo oriental e mais relacionado com o ato de contar histórias entendido como prática fundamental da vida.

As diversas adaptações cinematográficas, as práticas tradutórias inumeráveis — em que já se engajaram até personagens como d. Pedro II — e as incorporações de alguns de seus elementos (como a ideia dos gênios a que se pode pedir algo ou que se deve temer) ao imaginário da cultura popular mundial atestam o impacto que esse conjunto de histórias teve e tem em nossa forma de nos entender enquanto seres que trazemos narrativas, que constituímos e somos constituídos pelas histórias que articulamos.

A NATUREZA ARTÍSTICA DA OBRA: AS FÁBULAS E AS HISTÓRIAS NOTURNAS

Do ponto de vista da composição literária, o *Livro das mil e uma noites* funde e reinventa dois gêneros diferentes: o hurafa, normalmente traduzido como fábula, e o *samar*, que seriam histórias apropriadas para o período noturno. Damien (2017) faz uma reconstituição genealógica do primeiro, demonstrando suas origens indiana e persa, assim como sua apropriação pelos árabes.

De acordo com a autora, duas das referências a fabulários mais antigos que influenciaram a forma das narrativas de que estamos tratando são as que fazem menção ao texto perdido dos sassânidas, *Hazar afsana*, que teria um prólogo-moldura semelhante ao do *Livro das mil e uma noites*, e as que tratam do livro *Kalila e Dimna*, que apresenta histórias originalmente pertencentes ao *Pañcatantra*, coletânea de fábulas entendidas como histórias exemplares, e ao *Mahabharata*, epopeia central da cultura hindu. A estas, a autora soma o *Livro do sábio Sindbad*, cuja origem, embora tenha se considerado indiana por algum momento, ela considera ser demonstravelmente persa. A partir destes elementos, a pesquisadora busca caracterizar o funcionamento e a estrutura de tais narrativas:

Em primeiro lugar, em relação à estrutura, são compostas por um prólogo-moldura do qual partem diferentes histórias; e, em segundo, em relação às narrativas, o *Livro do sábio Sindbad* e *Kalila e Dimna* mostram que são histórias-exemplares, das quais as personagens, humanas ou animais antropomorfizados, lançam mão para provarem algo, trazendo lições de sabedoria. A história-exemplar baseia-se num sistema de metáforas e analogias que espelham determinado contexto de enunciação, e quem a

conta visa a mover seu ouvinte a praticar uma ação, ou a demovê-lo de praticá-la, pois a inobservância do que se propõe resulta em prejuízo (DAMIEN, 2017, p. 32).

Na compreensão de Damien (2017), a apropriação de tal modelo pelos árabes promoverá alguns deslocamentos importantes, como a interpolação de versos da tradição poética em meio à narrativa e a construção de uma estética específica que começa a destacar mais o caráter espantoso de uma determinada narrativa, isto é, seu elemento maravilhoso, que valorizar apenas o conteúdo sapiencial que ela encerra. Por fim, outra noção acrescentada é a ideia da história compreendida a partir de seu valor de troca.

De fato, é compreensível a analogia que Galland faz entre os “contos morais” do campesinato francês, a partir da publicação do livro de Perrault, e tais estruturas narrativas de tradições mistas persa, indiana e árabe. O duplo efeito do deleite e da instrução parece de um jeito ou de outro sublinhado, embora em cada passo com ênfases diferentes — recaindo ora sobre o espanto e o deleite, ora sobre o ensinamento e a instrução.

O califa de Bagdá apresenta em seu compilado três narrativas, no esquema das histórias dentro da história, da interposição de narradores e dos relatos compostos a várias vozes.

Na primeira, temos um homem que acaba vítima da sua própria cobiça e de sua tentativa de espoliar um dervixe que tem acesso a riquezas incontáveis. O sentido duplo do enriquecimento, de bens materiais e imateriais, do que se conquista com esforço e trabalho sobre si e o que se julga obter num lance de sorte do destino, vai permeando a narrativa, de modo a fazer o leitor sempre se defrontar, para além dos personagens, consigo. O desejo do enriquecimento fácil, de se sentir um agraciado pela sorte, é o que compromete e, ao fim e ao cabo, literalmente cega o personagem. A ideia de que um desejo pode nos cegar, fazendo com que percamos de vista o outro e a situação em que, de fato, estamos enredados, a ponto de nos tornarmos cruéis e menos conscientes de nós mesmos, transparece numa clara indicação de como certas ações podem ter consequências nefastas.

Mais ainda, o desfecho da narrativa, com o juízo do califa, também demonstra que, diante da compreensão de um equívoco que cometemos, podemos perder a mão ao dosar correção e punição. Abre-se espaço para avaliarmos que, no desejo de punir para além do necessário, encontra-se ainda um princípio narcísico da cobiça — agora, não tanto por me julgar merecedor de fortuna gratuita, mas por querer me fazer mais sofredor para me incutir alguma ideia de perfeição interna.

O trabalho com esse tipo de narrativa no espaço escolar precisa ser feito com sensibilidade no sentido de evitar que se reduza a fábula, ou história-exemplar, a uma articulação moral pura e simples, esvaziando suas múltiplas leituras e deixando-a apenas instrução comportamental. Na leitura de **O califa de Bagdá**, tal meta só se atinge pela articulação do que a BNCC vai destacar:



consideração da diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas, a literatura infantil e juvenil, o cânone, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, as culturas juvenis etc., de forma a garantir ampliação de repertório, além de interação e trato com o diferente (BRASIL, 2018, p. 75).

É preciso, portanto, deixar as narrativas dialogarem com as próprias histórias que nós trazemos, sobre sonhos de enriquecimento súbito, sobre golpes da sorte e, a partir de então, irmos fazendo as histórias se entrecruzarem numa mediação entre os conteúdos que parecem mais distantes de mim (as referências clássicas, a religião e o cenário do deserto) e ao que me parecem mais próximas (a relação entre sujeito, trabalho e dinheiro, a correção e o desejo extremado de punição).

Damien estabelece que, para além da fábula, outro gênero que influencia a forma narrativa dos textos do *Livro das mil e uma noites* é o *samar*. Sobre o assunto, a autora explica:

(...) qualquer diálogo de caráter erudito ou filosófico no período noturno é *samar*, como também o é a narrativa noturna de fábulas; em suma, o *samar* é um gênero que, na origem, vincula-se à oralidade, pois é veiculado pelas conversações, pelos colóquios, cuja matéria, ficcional ou não, entretém as pessoas no período noturno (DAMIEN, 2017, p. 36).

O contexto da tradição das histórias para serem narradas à noite se relaciona com um tipo de entretenimento de corte, que remontaria a Alexandre Magno e a uma estratégia para se manter em vigília no período da escuridão. Não à toa, desse ponto de vista, vão interessar os aspectos mais espantosos e impressionantes das narrativas.

De acordo com Jarouche, tal forma, inclusive, intervém e reorienta o próprio modelo das fábulas, uma vez que, como o autor destaca, a contadora das histórias usa de diversos recursos para provocar suspense, rompe a verossimilhança para causar espanto e mistura elementos sobrenaturais, humanos e animais. Para o pesquisador e tradutor:

(...) já não se trata de mover ou demover dizendo “faça (ou não faça) isso que lhe acontecerá x”, mas sim de mover ou demover dizendo ou deixando subentendido: “faça (ou não faça) isso se você gostar do que lhe direi”. Em ambos os casos há troca, mas no primeiro a narrativa se propõe como algo a mais do que é, ao passo que no segundo ela se propõe como narrativa pura e simples que se oferece a juízos arbitrários e caprichos de opinião (JAROUCHE, 2015, p. 26-27).

Werneck (2017) também vai enfatizar o aspecto encantatório, de fascínio com a própria capacidade de narrar e de lembrar envolvida nessas narrativas.

A segunda história de *O califa de Bagdá* parece, de fato, se apoiar sobre tal exercício fabuloso, uma vez que logo somos desviados da trama de um marido iludido com a bela aparência da mulher para nos vermos em lances rápidos nos desdobramentos sucessivos da descoberta de que ela se alimenta da carne dos mortos, pois é uma feiticeira, de sua maldição sobre o marido, transformando-o em cão, e assim por diante.

Se, de um modo geral, o tema das aparências enganosas se repete, uma vez que a forma física do animal pode ocultar um humano tanto quanto a figura da beleza pode ocultar um caráter cruel, a verdade é que o suspense e os lances maravilhosos, fantasiosos, causam mais espanto e mobilizam a concentração do leitor de modo diversificado.

O uso livre da imaginação e de seus efeitos é uma das percepções que o trabalho com a leitura literária deve despertar nos estudantes. Quer dizer, até onde nossa imaginação pode ir, no pacto de sedução-intriga que envolve contar uma história? O jogo do que é possível de imaginar pode ganhar autonomia e preponderar sobre outras funções de uma narrativa e reconhecer isso, se entregando à beleza ou ao impacto das histórias, é parte fundamental do estabelecimento da fruição para nossos leitores.



3 | A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

A BNCC, ao comentar um dos eixos da área de **Língua Portuguesa**, estabelece que:



O **Eixo Leitura** compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades (BRASIL, 2018, p. 71).

Como o documento explicita na sequência, o conceito de leitura é empregado aqui para se referir a processos diversos de experiências de compreensão textual, independentemente do tipo de texto abordado. Estamos tratando, portanto, de um cenário que compreende que a área de língua mobiliza estratégias formativas, visando multiletramentos, uma vez que, ao ter os textos como centro da sua prática e a diversidade de gêneros como critério estruturador da concepção curricular, é inevitável lidar com textos e gêneros multimodais, que integrem códigos diversos (visuais, sonoros, motores etc.).

Além disso, a citação evidencia que se entende que a leitura é uma prática social com diferentes funções e que todas elas compõem o cotidiano da escola: a fruição estética, a pesquisa referencial e informativa, a aprendizagem instrucional, a informação com vistas ao debate público e a busca da realização pessoal.

O próprio documento aponta para a possibilidade de existirem outras, entretanto não as descreve, mas, de fato, o gesto de conferir significado a uma determinada experiência de leitura se adequa a inúmeros contextos e finalidades. Em princípio, podemos e procuramos isolar a experiência estética, já que existem especificidades que se encontram na experiência da leitura literária, associada ao que viemos abordando até agora como essa formação para a atenção e para a sensibilidade. Todavia, o que caracteriza, radicalmente, a experiência da leitura literária é sua possibilidade de ressignificar e expandir a própria compreensão dos usos sociais da leitura, articulando fruição e formação histórica e cidadã, educação ética e compreensão de si e do outro.

Sobre essa perspectiva, a BNCC destaca a **Competência Geral da Educação Básica 9**, que é fundamental para o entendimento da valorização da diversidade, do respeito de si e a outro:



Ilustremos o que estamos querendo demonstrar num breve comentário à última história de *O califa de Bagdá*. Nela, Hassan, um pobre cordoeiro, é objeto de uma aposta entre dois amigos ricos que disputam se a bem-aventurança terrena é fruto da riqueza e dos prazeres ou de uma vida virtuosa. É assim que, por duas vezes consecutivas, Hassan é o alvo da calculada generosidade do defensor do dinheiro como fonte de felicidade e recebe doações aleatórias e gratuitas. Nos dois casos, tão improvavelmente como chegou, a quantia de moedas se vai — seja pelo imponderável, que desce dos céus, na forma de um pássaro, e resgata o turbante usado como esconderijo, seja pela falta de comunicação entre marido e esposa, que resulta na venda do vaso usado como esconderijo.

Não deixa de ser curioso notar que, em ambas as situações, o que permite que o acaso atue é o desejo humano de se prevenir contra ele. A repetição da situação com pequenos deslocamentos — recurso típico do gênero das histórias tradicionais — sugere fortemente que, talvez por ação inconsciente, ao tentar escapar do destino o cordoeiro só se amarrou mais fortemente a ele, propiciando que seu temor (a perda do dinheiro que ganhou inexplicavelmente) se concretizasse.

Embora o enfoque do texto pareça confirmar, numa sugestão argumentativa, que dinheiro não é suficiente para a felicidade, é preciso perguntar à narrativa “por quê”. E o que se revela, num primeiro momento, é que uma grande quantia de

dinheiro recebida ocasionalmente produz outros efeitos para além de algumas satisfações básicas, como a preocupação, a desconfiança do roubo, dentre outros efeitos psíquicos que têm consequências imprevistas.

Ora, não é difícil de perceber que as diferentes funções sociais da leitura, previstas pela BNCC, confluem numa mesma reflexão proposta pelo diálogo com o texto. O que queremos dizer é que, na abordagem dessas construções em sala, é inevitável surgir um debate ético e político sobre enriquecimento e posição social, sobre desejo de realização, projeto de vida e status de classe, além da possível movimentação de informações relativas ao contexto original de produção do texto (o deserto e o trabalho de cordoeiro) em sua relação com o contexto de recepção hoje (o espaço urbano e os trabalhadores precarizados).

Estamos defendendo, portanto, uma concepção de fruição em que sejam entendidos não apenas a atenção sensível na relação com a composição estética do texto, mas, também, o aspecto englobante que mobiliza, convoca e movimenta diferentes aspectos e experiências de vida, na construção de uma leitura que agencia suas múltiplas funções sociais.



4 | PROPOSTAS DE ATIVIDADES EM SALA DE AULA

De acordo com a BNCC, uma das estratégias e procedimentos de leitura que devem ser enfatizados no âmbito da Educação Básica é:



Estabelecer expectativas (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre gênero textual, suporte e universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos (BRASIL, 2018, p. 74).

Nesse sentido, compreende-se que a atividade de leitura pressupõe um acúmulo de sentidos que se produzem e se operam antes da abordagem do texto propriamente dito. Seja pelos signos trazidos no material a ser lido, seja pela recuperação de marcas de experiências prévias de leitura que constituem o horizonte de expectativas da comunidade com relação a determinados elementos genéricos, ou de outro tipo, ler começa antes de pousar os olhos na página escrita. No caso de textos de tradições populares, a busca da memória de tradições nas quais nos encontramos inseridos pode aprofundar o diálogo e a percepção de outras tradições, como a do universo árabe e islâmico do mundo das *Mil e uma noites*.

Por isso, de um modo geral, nossa proposta de atividades de leitura em torno de *O califa de Bagdá* é a da produção de um festival de contação de histórias.

ATIVIDADE PRÉ-LEITURA

O início da proposta compreende as seguintes atividades a serem realizadas em sala de aula:

- discussão coletiva sobre narrativas de tradições populares — para sondagem do quanto e de quais histórias tradicionais os estudantes trazem como repertório prévio — e estratégias de classificação e catalogação dessas histórias (de acordo com a cultura de origem, de acordo com os elementos utilizados, de acordo com o efeito produzido e de acordo com o período adequado para se contar);
- explicitação dos diferentes saberes (morais, psíquicos, afetivos e sociais) mobilizados por diferentes contos de diferentes tradições — como um dos contos registrado por Perrault, contos tradicionais de povos indígenas, dentre outros;
- apresentação do prólogo-moldura (a história de Sheherazade) e do universo do *Livro das mil e uma noites* e discussão de elementos da cultura árabe e da cultura islâmica.

O objetivo do percurso inicial é não apenas valorizar a experiência prévia trazida pelo estudante, como também colocá-lo numa posição de reconhecimento e autorreflexão, compreendendo que as histórias tradicionais e as diversas formas de contá-las constituem um patrimônio cultural da humanidade, legando a transmissão de diversos saberes e experiências por meio de uma compreensão narrativa do mundo.

Nesse sentido, cabem aqui discussões que propiciem uma perspectiva da experiência humana dentro de um viés multicultural. Ao final dessa etapa, podem ser apresentados em sala os elementos pré-textuais, discutindo título, capa e outros aspectos pertinentes. Esta proposta explora a seguinte habilidade da BNCC:



(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (BRASIL, 2018, p. 157).

ATIVIDADE DURANTE A LEITURA

Desde a abordagem do título, *O califa de Bagdá* pode ser pensado como um livro que não apenas traz um conjunto de histórias populares tradicionais, mas

fundamentalmente como um objeto que mobiliza toda uma construção de saberes culturais constituídos. Nesse sentido, é importante que o trabalho de leitura seja feito também lado a lado com um trabalho de pesquisa, em que os estudantes sejam incentivados a buscar informações como: o que faz um califa? Quem foi o personagem histórico Harun Al-Rashid? Como se tornou um personagem de uma história popular? Quais aspectos históricos precisamos assimilar para conseguir imaginar essa Bagdá povoada de homens e animais antropomorfizados, cordoeiros e palacetes, desertos e tesouros escondidos? Por fim, o debate deve procurar isolar questionamentos suscitados pelas histórias nas buscas de outras referências (narrativas ou não) que abordem questões como: a felicidade se obtém por meio da virtude? Do dinheiro e da satisfação dos prazeres?

Apontamos que ***O califa de Bagdá*** oferece, por um lado, material de um universo cultural vasto, cujos objetos próximos podem ter um aprofundamento interessante, e, por outro, aponta para reflexões que mobilizam diferentes culturas e diferentes tradições narrativas, uma vez que se ocupam da conduta humana no mundo.

Dessa forma, é possível mobilizar outros textos próximos do universo do *Livro das mil e uma noites* para compor esse imaginário de citações e de referências culturais que compõem o livro. Entende-se que, dessa forma, o trabalho com a leitura pode construir a habilidade tematizada pela BNCC ao tratar do trabalho do 6º e do 7º ano na área de **Língua Portuguesa**:



(EF67LP27) Analisar, entre os textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas (como cinema, teatro, música, artes visuais e midiáticas), referências explícitas ou implícitas a outros textos, quanto aos temas, personagens e recursos literários e semióticos (BRASIL, 2018, p. 169).

O entrecruzamento de referências de um universo comum permite o questionamento acerca de como um determinado objeto cultural dialoga com outro, e de como na recepção podemos construir associações mais ou menos inesperadas, compondo um repertório diversificado para o nosso horizonte de leitura.

ATIVIDADE PÓS-LEITURA

Como finalização, nossa proposta prevê a divisão da turma em grupos para a construção de um festival de contação de histórias. Nesse sentido, caberia aos grupos a composição de apresentações orais em formatos diversos: produção de *podcast*, vídeo ou apresentação ao vivo. Um dos elementos necessários à apresentação seria pensar de que forma os códigos não verbais são integrados na

construção de uma narrativa tradicional — a saber, elementos como efeitos sonoros, uso de figurinos e demais traços de caracterização e repertório gestual.

O ideal seria incentivar um jogo entre o próprio e o alheio, no diálogo entre as tradições e a linguagem narrativa dominada pelos estudantes e a colocada em cena pelas narrativas de *O califa de Bagdá*. Dependendo do tamanho da turma, pode-se integrar a esse festival outras narrativas pertencentes ao universo do *Livro das mil e uma noites* ou propor para os estudantes que criem novas narrativas tradicionais, partindo de personagens como o Harun Al-Rashid e Sheherazade, dentre outros. Entende-se que, assim, não apenas se trabalha a transposição entre linguagens e modalidades diversas, como também se desenvolve a seguinte habilidade prevista pela BNCC para o trabalho com 6º e 7º anos:



(EF67LP30) Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto (BRASIL, 2018, p. 171).

ATIVIDADE INTERDISCIPLINAR

Como sugerido anteriormente, o trabalho com as narrativas de *O califa de Bagdá*, inicialmente, se encaixa numa perspectiva de trabalho multicultural com repertório de diferentes tradições. As atividades interdisciplinares, num primeiro plano, portanto, devem complementar o roteiro de pesquisa e integrar a ampliação de repertório que o material propicia.

Nesse sentido, investigações sobre a história dos povos árabes, bem como sobre as contribuições culturais islâmicas para o patrimônio da humanidade são abordagens que, envolvendo disciplinas como história, matemática e artes, podem enriquecer o trabalho de leitura, disseminando novos níveis e camadas de sentido. São possíveis e frutíferos diálogos tanto com a área de **Ciências da Natureza** quanto a área de **Ciências Humanas**. Como sugestão, indicamos as seguintes habilidades de história a serem exploradas:



(EF06HI07) Identificar aspectos e formas de registro das sociedades antigas na África, no Oriente Médio e nas Américas, distinguindo alguns significados presentes na cultura material e na tradição oral dessas sociedades.

(EF06HI16) Caracterizar e comparar as dinâmicas de abastecimento e as formas de organização do trabalho e da vida social em diferentes sociedades e períodos, com destaque para as relações entre senhores e servos (BRASIL, 2018, p. 421).

Você pode convidar o professor de história a montar uma exposição com a turma em que cada grupo explore uma contribuição da cultura árabe para a cultura mundial. Durante a confecção dos murais de cada grupo, você pode orientar os alunos sobre o processo de pesquisa das informações, organização dos dados e construção dos textos, enquanto o professor de história contextualiza os achados dos estudantes e os ajuda a tecer relações entre os diversos aspectos trabalhados por cada grupo. Caso seja complicado montar uma exposição, também é possível dividir a turma em grupos e pedir que cada um faça um seminário com suas descobertas só para a classe.



REFERÊNCIAS COMENTADAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/basenac>. Acesso em: 22 mar. 2022.

Trata-se de um documento regulamentador e norteador das aprendizagens essenciais que devem ser trabalhadas nas escolas públicas e particulares da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, visando que os alunos tenham assegurados os direitos à aprendizagem e ao desenvolvimento pleno. A obra proporciona uma diretriz norteadora dos currículos em municípios de todo o Brasil, visando a promoção da igualdade no sistema educacional e contribuindo para a formação integral dos estudantes, almejando a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Temas contemporâneos transversais na BNCC – Contexto histórico e pressupostos pedagógicos**. Brasília: MEC/SEB, 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/temasbncc>. Acesso em: abr. 2022.

Os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) são o documento elaborado pelo MEC com o intuito de explicitar a ligação entre os diferentes componentes curriculares de forma integrada, bem como conectá-los às situações vivenciadas pelos estudantes em suas realidades, contribuindo para contextualizar os objetos do conhecimento descritos na BNCC. De acordo com o próprio MEC, os TCTs também almejam cumprir a legislação que trata da Educação Básica, garantindo aos estudantes os direitos de aprendizagem pelo acesso a conhecimentos que possibilitem a formação para o trabalho, para a cidadania e para a democracia e que sejam respeitadas as características regionais e locais, da cultura, da economia e da população que frequenta a escola.

DAMIEN, Christiane. **O sobrenatural e o mágico nas mil e uma noites**. Orientador: Mamede Mustafa Jarouche. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Árabes) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.8.2017.tde-14082017-122820. Acesso em: agos. 2022.

Neste trabalho, a autora analisa os elementos sobrenaturais e mágicos presentes nas narrativas do núcleo mais antigo das *Mil e uma noites*, datado do século XIV, aproximadamente, e nas histórias inseridas ao livro, no século XVIII, por Antoine Galland. Damien identifica, descreve e analisa a função desses elementos sobrenaturais e mágicos nas narrativas em questão, observando tanto sua importância para o desenvolvimento da intriga como a construção de sentido que tais elementos promovem nos dois ciclos narrativos, elaborados em contextos socioculturais distintos.

JAROUCHE, Mamede Mustafa. Uma poética em ruínas. In: **Livro das mil e uma noites**. Vol. 1: ramo sírio. 4ª ed. São Paulo: Globo, 2015.

Na nota introdutória escrita por Jarouche, considerado um dos maiores especialistas em literatura árabe, para este volume das *Mil e uma noites*, o teórico esmiúça toda a trajetória de construção dessa obra, salientando seu caráter fragmentado, mutável e coletivo.

PALLAZO, Carmen Lícia. A idade de ouro do islã: o mecenato do Califado Abássida e a Casa da Sabedoria. **Mirabilia Journal**, v. 2, p. 25-41, 2017.

Neste artigo a autora analisa alguns aspectos da chamada Idade de Ouro do Islã, tendo como fio condutor as realizações do califado abássida, com foco no período que vai de 762, data do estabelecimento da capital em Bagdá, até 833, ano da morte do califa Al-Mamun. A Casa da Sabedoria (Bayt al-Hikma) é a imagem mais forte de múltiplas atividades cuja memória permanece ainda presente, testemunho de um período da história do Islã no qual o poder califal exercia o mecenato nas ciências, na filosofia, nas artes e na literatura.

WERNECK, M. M. F. Marcas de oralidade e memória no *Livro das mil e uma noites*. **Bakhtiniana - Revista de Estudos do Discurso**, v. 12, p. 96-118, 2017.

Este artigo chama a atenção para a presença de marcas de oralidade e técnicas de memória presentes em algumas versões do *Livro das mil e uma noites* partindo de algumas considerações sobre as técnicas de memória utilizadas na cultura árabe, herdadas da mnemotécnica grega para, em seguida, analisar essas marcas sob três perspectivas: como sortilégio (à maneira de Mnemosyne), como forma de imprimir ritmo e cadência aos contos e, finalmente, como arquitetura da memória.